

# A CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DE FIGURAS POLÍTICAS NO CINEMA: LULA, O FILHO DO BRASIL

Kelly Silva Vieira<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da Nova História e suas novas perspectivas e abordagens, o presente artigo utiliza o filme: “Lula, o Filho do Brasil” como fonte histórica. O objetivo é analisar as relações do filme com o contexto político que foi inserido e discutir como a figura política do ex-presidente Lula foi construída através das representações presentes no filme.

**Palavras-chave:** História e cinema; Lula; Cinebiografia; Representações.

## ***THE CONSTRUCTION AND POLITICAL FIGURES REPRESENTATION IN CINEMA: LULA, O FILHO DO BRASIL***

**Abstract:** *From the New History and Its new perspectives and approaches, this article uses the movie: “Lula, o Filho do Brasil” as a historical source. The aim is to analyze the relations of the film with*

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Bolsista Capes. E-mail: <kelly.svieira@yahoo.com.br>.

*the political context which was inserted, and discuss how the political figure of the former president Lula was built through the representations present in the film.*

**Keywords:** *History and cinema; Lula; Biopic; Representations.*

### **Introdução**

O presente artigo tem como pressuposto discutir as relações existentes entre História e Cinema, tomando como referência o filme “Lula, o Filho do Brasil” dirigido por Fábio Barreto, produzido no ano de 2009 e lançado em janeiro de 2010. O citado filme é baseado no livro homônimo da historiadora Denise Paraná<sup>2</sup>, no qual a autora relata a trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva, que, apesar das adversidades, chega ao cargo de presidente do país. Em entrevista publicada no *site* da Academia Brasileira de Cinema, o diretor Fábio Barreto comenta que o filme mostra a história de um retirante nordestino que foi para o Sul e venceu na vida, com o apoio de sua mãe, apesar das dificuldades que teve de superar: “Eu só quero fazer dele alguém na vida! [...] Ele é Luiz, meu filho! Vai estudar e ter uma profissão.”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> “Denise Paraná nasceu na cidade de São Paulo. É jornalista, escritora, doutora em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo e pós-doutorada como Visiting Scholar pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. DENISE PARANÁ – BIOGRAFIA.” DENISE PARANÁ – BIOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.epipoca.com.br/gente/biografia/498646/denise-parana>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

<sup>3</sup> Fala de Dona Lindu no filme “Lula, o Filho do Brasil”. Ver: LULA, o Filho do Brasil. Direção: Fábio Barreto. Produção: Paula Barreto e Rômulo Marinho. Intérpretes: Glória Pires; Milhem Cortaz; Rui Ricardo Diaz e outros. Roteiro: Daniel Tandler, Denise Paraná e Fernando Bonassi. LC Barreto; Filmes do Equador; Intervídeo Digital; Globo Filmes. 2010. 1 bobina cinematográfica (130 min), son., color 35 mm.

Assim, neste artigo a análise a que nos dispomos fazer procura refletir sobre o cinema como fonte historiográfica, o qual, por volta dos anos de 1970, se consolida como arte de massa e passa a influenciar decisivamente no modo como as pessoas percebiam e estruturavam o mundo.<sup>4</sup> Assim, ao acolher o valor documental do cinema, a autora adverte que o historiador deve necessariamente responder a alguns questionamentos referentes a essa fonte, tais como: “O que a imagem reflete? Ela é expressão da realidade ou é uma mera representação? Qual o grau possível de manipulação da imagem?”<sup>5</sup>

### ***História e cinema***

As relações entre Cinema e História não são recentes, e o número de trabalhos e pesquisas sobre filmes tem se tornado expressivo nos últimos anos. Nesse sentido, é fundamental abranger as transformações historiográficas no decorrer dos anos, as quais se deram em relação aos métodos e abordagem das fontes. Novas perspectivas metodológicas surgiram na postura da historiografia no final do século XX, assim, o que antes era analisado em documentos oficiais, observando apenas o que o documento tinha de informação, abriu espaço para uma abordagem mais profunda. Ao analisar as novas perspectivas da História Cultural, “é necessário ir além daquilo

---

<sup>4</sup> KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, jan. 1992.

<sup>5</sup> KORNIS, op. cit., 1992, p. 237.

que é dito, ver além daquilo que é mostrado” para que assim o historiador possa ser crítico e potencializar sua interpretação.<sup>6</sup>

Para tanto, as fontes involuntárias e informais são importantes, pois podem oferecer mais informações que as ditas oficiais.<sup>7</sup> Esse novo método de abordagem contribui para o rompimento com a história factualista, que não permitia interpretações nem evoluções no tempo.<sup>8</sup>

Segundo Eduardo Morrenti: “A partir dos anos 70, o cinema, elevado à categoria de “novo objeto”, é definitivamente incorporado ao fazer histórico dentro dos domínios da chamada Nova História.”<sup>9</sup> O grande responsável por isto foi o historiador francês Marc Ferro.<sup>10</sup> Ao analisar o perfil de Marc Ferro, Nova corrobora que:

No mundo acadêmico, Ferro é mais conhecido por ter sido o pioneiro, no universo historiográfico, a teorizar e aplicar o estudo da chamada relação cinema-história. O início desta caminhada foi marcada pela publicação de um artigo chamado “O filme: uma contra-análise da sociedade”, na obra coletiva *Faire de l’histoire*, dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Desde então, escreveu livros sobre o tema, desenvolveu inúmeras pesquisas utilizando o filme como fonte de estudo e realizou alguns filmes.<sup>11</sup>

---

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 63.

<sup>7</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>8</sup> FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

<sup>9</sup> MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. *História: questões & debates*, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003, p. 12.

<sup>10</sup> FERRO, Marc. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

<sup>11</sup> NOVA, Cristiane. Perfil: Marc Ferro. O cinema e o conhecimento da História. *O olho da História*, Bahia, n. 4, 1996, s/p.

Segundo Morettin, o “cinema é um testemunho singular de seu tempo, pois está fora do controle de qualquer instância de produção, principalmente o Estado.”<sup>12</sup> O filme possui uma tensão que lhe é própria, trazendo à tona elementos que possibilitam uma análise diversa daquela proposta pelos segmentos sociais, tanto o poder constituído quanto a oposição.<sup>13</sup>

Em “O cinema e o conhecimento da História”, Nova, discorre que:

O cinema é um testemunho da sociedade que o produziu e, portanto, uma fonte documental para a ciência histórica por excelência. Nenhuma produção cinematográfica está livre dos condicionamentos sociais de sua época. Isso nos permite afirmar que todo filme é passível de ser utilizado enquanto documento. No entanto, para utilizar-se cientificamente de uma tal assertiva, requer-se cautela e cuidados especiais. A forma como o filme reflete a sociedade não é, em hipótese alguma, direta e jamais apresenta-se de maneira organizada (em circuitos lógicos e coerentes), mesmo que assim o aparente.<sup>14</sup>

Vale salientar que nenhuma produção cinematográfica, cujo objetivo seja uma narrativa histórica sobre determinado acontecimento, ainda que tente ser imparcial e buscar algum distanciamento, consegue se desvincular completamente das ideologias de quem está contando a história. Assim o papel do historiador, é interpretar os elementos ocultos e inconscientes que

---

<sup>12</sup> MORETTIN, op. cit., 2003, p. 13.

<sup>13</sup> FERRO, op. cit., 1976.

<sup>14</sup> NOVA, op. cit., 1996, s/p.

estão representados no filme, ir além do documento e buscar elementos da realidade na ficção, os seus “pormenores negligenciáveis.”<sup>15</sup>

É comum que a produção do cinema de caráter histórico político seja voltada para a apropriação de situações e figuras políticas e históricas, bem como para os modos como essas representações atendem a interesses políticos dos idealizadores e do contexto de produção do filme. Um exemplo disso encontra-se no texto de Robert Darnton ao discorrer sobre a representação dos personagens da revolução francesa no filme *Danton*<sup>16</sup> do diretor Andrzej Wajda. Nessa perspectiva, é possível verificar no filme “Lula, o Filho do Brasil”, nosso objeto de análise, a apropriação da figura política do ex-presidente e a maneira como foi construída essa representação, ou seja, o nordestino pobre que, mesmo em meio a uma realidade adversa, sobressai e se torna um representante político de grande destaque.

O propósito do filme não está relacionado ao contexto político, pois, segundo o diretor, Fábio Barreto, trata-se de uma história que “está longe do lado político”, abordada sobre um ser humano, sua infância e adolescência até chegar à presidência de um sindicato de uma grande cidade do país. Todavia, vale ressaltar que o filme foi lançado em um contexto político de eleições presidenciais, o que

---

<sup>15</sup> GINZBURG, op. cit., 1989.

<sup>16</sup> “Filme encomendado pelo Ministério da Cultura de François Mitterrand, que recebeu no lançamento brasileiro o subtítulo de “O Processo da Revolução”. Inicia-se no final de 1793, com o retorno do personagem título, e aborda o período do Terror Jacobino, orbitando em torno das figuras de Georges Jacques Danton e Maxime Robespierre.” *História e-história*. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

possibilita abranger uma suposta relação da condição política do ex-presidente com sua trajetória de luta e sofrimento, transformando-o em uma figura heróica.

### *O filme e seus personagens*

A cinebiografia em questão, por se tratar da trajetória de Lula, traz os personagens que fizeram parte de sua vida familiar, o que garante ao filme características da narrativa familiar. O núcleo é composto pelo pai, que abandona a família; os irmãos; a mãe, exemplo de mulher; as esposas, Lourdes e Marisa; e o protagonista, Luiz Inácio Lula da Silva.

Imagem 1. Lula (blusa amarela) acompanhado da mãe e dos irmãos



Fonte: Cena do filme “Lula, o Filho do Brasil”, 2010.

Os dois personagens centrais do filme, Lula (interpretado por Rui Ricardo Diaz) e sua mãe, Dona Lindu (interpretada por Glória Pires), são quem sustentam o enredo da história. A mãe, com suas peripécias em favor da sobrevivência e do desenvolvimento moral, intelectual e econômico dos filhos, é considerada “o fio condutor” de toda a trama. Essa estratégia é utilizada ao longo do filme como forma de cativar o público e estreitar laços com o mesmo. Aqui, ressalta-se a progenitora do ex-presidente como mulher de fibra, a mãe nordestina que, com muita luta, cria o filho para “vencer na vida”. Assim como outros aspectos apresentados no filme, o atributo de homem honesto, trabalhador, que aprendeu a lutar com a mãe, reforça o populismo do ex-presidente e retrata a vida de “dificuldades pelas quais ele e sua família passaram e as quais venceram, de modo que o personagem é representado como um herói.”<sup>17</sup>

Representada como uma heroína, a mãe de Lula muitas vezes rouba-lhe a cena, podendo até ser considerada a personagem principal do filme. Ela está presente nas primeiras e na última cena fictícia da produção, de modo que ela parece ser o fio condutor da história. No início do filme, Dona Lindu dá a luz a Luiz, em situação de extrema pobreza, no sertão pernambucano. Logo após o parto, ela levanta o menino e diz: “Seu nome vai ser Luiz Inácio!”. Desde então, empenha-se em transformar o menino em herói. O desejo do personagem, num programa narrativo, pode nascer dele mesmo ou pode vir de outro personagem (Balogh, 2002). Nesse caso, muito do desejo de Luiz parece

---

<sup>17</sup> CARVALHO, Aline Torres Sousa; REZENDE, Guilherme Jorge de. “Lula, filho do Brasil”: de retirante da seca à presidência da república – uma história, muitos sentidos. *Estudos semióticos*: revista do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 40-48, nov. 2012, p. 45.

ter vindo de sua mãe, que em todo o tempo incentivava-o a estudar, a trabalhar, a ser honesto, a lutar por seus objetivos. Isso pode ser exemplificado pela frase: “Este aqui vai ser gente. Vai ter uma profissão.” Ou ainda por: “Teima, é só teimar”, “chavão” que Dona Lindu dizia a Lula quando a situação estava difícil.<sup>18</sup>

A personalidade forte da mãe é mostrada no filme como fator determinante para moldar o caráter dos filhos e, conseqüentemente, o de Lula. Dona Lindu incentiva o filho a nunca desistir e não se queixar das situações difíceis porque passavam: “Tem gente em situação pior. Não adianta ficar se lamentando.”<sup>19</sup> A cena em que Lula viaja com a família no pau de arara até São Paulo se destaca como um momento marcante para as mudanças ocorridas na personalidade do protagonista. Em entrevista ao JC-Agreste, o diretor do filme pondera:

A viagem no pau-de-arara é um capítulo à parte no filme, ou melhor, é um capítulo fundamental, um dos pilares que formaram a personalidade de Lula. Foi nessa travessia pelo inferno que Lula tomou contato com a miséria absoluta, com o descaso, em suma, durante os 13 dias de viagem, Lula conheceu a maldade humana, e apenas conseguiu sair ileso dessa travessia, porque foi amparado pela integridade e compaixão de Dona Lindú.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> CARVALHO; REZENDE, op. cit., 2012, p. 45.

<sup>19</sup> Fala de Dona Lindu no filme: “Lula, o Filho do Brasil” (2010).

<sup>20</sup> Entrevista de Fábio Barreto, diretor do filme: Lula, o Filho do Brasil, de 2010. *Jornal JC-Agreste*. LULA, o filho do Brasil. In: *Academia Brasileira de Cinema*. Disponível em: <[http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1126&Itemid=521](http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1126&Itemid=521)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Imagem 2. Dona Lindu (Glória Pires) na viagem para São Paulo com os filhos



Fonte: Cena do filme “Lula, o Filho do Brasil”, 2010.

### ***Lula, o Filho do Brasil***

Conforme abordado e trazendo as análises aludidas para o contexto do filme em questão, observa-se que a intenção da produção foi traçar a trajetória de vida de Lula como homem, filho e político de maneira heróica. A história do ex-presidente é recontada a partir de uma série de desejos e ações que culminariam com sua chegada à presidência do país.<sup>21</sup>

Assim, considera-se que a narrativa da vida de Lula é baseada em aspectos sociais, os quais constroem a imagem do nordestino que sobressai em meio a uma vida de miséria e privações, e, ainda assim, chega à presidência do país. A nosso ver, tal estratégia possibilitou

<sup>21</sup> CARVALHO; REZENDE, op. cit., 2012.

ênfatisar a ideologia da esquerda, negando, em sua análise, questões importantes sobre a trajetória política de Lula, como os fracassos e transformações (em sua postura) porque teve que passar para, então, chegar à presidência.

Aspecto comum na comunicação midiática, a estrutura narrativa do filme reforça a perseverança do protagonista, que, incentivado pela mãe, não desiste dos seus sonhos. Nesse sentido em que o filme foi construído, a partir das representações sobre a figura de Lula, o historiador francês Roger Chartier traz como proposta a investigação das práticas edificadas por meio de representações e como elas são construídas ao analisar as relações entre verdade e ficção.

Chartier traz como proposta a investigação de como as práticas são construídas e como as representações são construídas, propondo uma nova forma de abordagem, buscando perceber as representações como construções que os grupos fazem sobre suas práticas. Sendo que essas práticas não são possíveis de serem percebidas em sua integridade plena, elas somente existem enquanto representações. A proposta de Chartier desmorona a noção de história como tradução da realidade, pois afirma que nenhum texto traduz a realidade, nenhum texto apreende a realidade em sua totalidade.<sup>22</sup>

Dessa forma, as práticas só possuem sentido quando são representadas, o real assume novos sentidos e a verdade se situa entre

---

<sup>22</sup> GUARATO, Rafael. Por uma compreensão do conceito de representação. *História e história*, São Paulo, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=127>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

a realidade e as representações. O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é.<sup>23</sup>

O conceito de representação em Chartier se apresenta como alternativa de compreensão do social e cultural da realidade via representação, o real como sentido, ele recebe sentido, é representado. Entretanto, a representação abre espaço para o relativismo das representações, uma vez que tudo só existe enquanto representado, qual é a garantia que fornece ao trabalho histórico certo grau de confiabilidade?<sup>24</sup>

Destarte, diversas críticas apontam para a intencionalidade política do filme, ainda que tal intencionalidade não apareça explicitamente para o telespectador. Como já abordado, não se pode desconsiderar o período (ano eleitoral) em que o filme foi lançado. Alguns analistas, como Eugênio Bucci, em publicação na *revista Época*, chega a falar que a única função do filme foi:

[...] promover a idolatria do personagem – e o tal personagem, naquele ano eleitoral de 2010, era ninguém menos do que o presidente da República em exercício. Não apenas isso: era um presidente em campanha aberta para fazer da ministra Dilma Rousseff sua sucessora nas urnas. *Lula, o filho do Brasil* não era bem um filme como outros, mas uma peça de propaganda a serviço da marquetagem hollywoodiana da mais alta autoridade do país. Não era bem uma obra cinematográfica, mas uma extensão do horário eleitoral gratuito para dentro da tela do cinema.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

<sup>24</sup> GUARATO, op. cit., 2010, s/p.

<sup>25</sup> BUCCI, Eugênio. O encanto partido de Lula. *Revista Época*, São Paulo, out. 2015, s/p.

A falta de aspectos sobre a trajetória política de Lula é outra característica que os críticos abrangem como uma tentativa “frustrada” de não relacionar o filme ao contexto político do personagem principal. Se o objetivo do filme, fiel a obra de Denise Paraná, era mostrar a vida de lutas que o nordestino traçou até a presidência, buscando emocionar os espectadores, sem se tornar uma panfletagem eleitoral, pecou ao construir seu enredo em torno de uma emoção forçada do protagonista e de sua mãe.<sup>26</sup>

No que se refere à destreza com que o protagonista exerceu sua função política, com discursos efusivos, arrebanhado multidões, bem como ao seu caráter popular, evidenciando-o como um político diferente do que até então o povo estava acostumado a ver, o filme cumpriu bem o seu papel.

Imagem 3. Lula sendo apoiado pelo povo



Fonte: Cena do filme “Lula, o Filho do Brasil”, 2010.

<sup>26</sup> BUCCI, op. cit., 2015.

Todavia, não se pode negar que caberia muito mais, como a participação de Lula e o surgimento do Partido dos Trabalhadores – PT, os fracassos políticos, que viveu até despontar como o presidente do povo. Enfim, o filme deixa de retratar um extenso período da vida do ex-presidente, fatos que, no nosso entender, teriam sido muito mais motivadores para a plateia, que, certamente, foi ao cinema em busca da história política do protagonista, e não somente de sua vida sofrida de nordestino, que venceu as agruras vida. Se essa estratégia foi utilizada pela produção como forma de desvincular a figura de Lula do partido, a fim de agradar os espectadores que não eram simpatizantes do PT, inferimos, principalmente a partir das diversas críticas feitas quando da estreia do filme, que essa intenção foi falha.

É praticamente impossível pensar em Lula sem vinculá-lo ao Partido dos Trabalhadores. Sua imagem certamente é uma das mais importantes no cenário político atual. Vários historiadores e cientistas políticos abordam em seus estudos sobre o conceito “Lulismo”, o qual é resultante da liderança exercida pelo ex-presidente ao longo de sua trajetória política.

Nos últimos tempos surgiu uma profusão de estudos, menções e referências ao conceito de “lulismo”. Autores das mais variadas tendências referem-se ao conceito. Basta citar Francisco de Oliveira, Ricardo Vélez Rodríguez e André Singer. Com *Os Sentidos do Lulismo* André Singer empreendeu o mais abrangente esforço para entender o suposto fenômeno. Dentre os vários artigos, reflexões e o livro, há poucas referências inquiridoras sobre a pertinência ou o significado do conceito. De modo geral, a referência ao “lulismo” é como se ele fosse um dado evidente da

realidade. Parece ser predominante a ligação entre o conceito e os processos eleitorais de que Lula foi candidato ou protagonista importante. Para o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o “lulismo” expressa um apelo aos pobres e uma prática de conciliação geral das classes; para Francisco de Oliveira, trata-se de uma “funcionalização da pobreza” para manter a exploração; para Véléz Rodríguez, é uma variante do populismo e uma prática patrimonialista de uso do Estado para fins políticos; e para André Singer, é um realinhamento eleitoral que implica a articulação dos segmentos mais pobres da população como a nova base social de apoio a Lula e, em parte, ao PT.<sup>27</sup>

Infere-se que a liderança exercida pelo ex-metalúrgico, se prorrogou para além do seu mandato de presidente da República do Brasil. A influência e prestígio político de Lula são reconhecidos por outros países e figuras políticas importantes no cenário mundial. Lula já foi inclusive mencionado pelo presidente dos Estados Unidos como um grande homem e político do seu tempo. É marcante também, sua influência política na eleição de 2010 quando então Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores, vence as eleições e assume como a primeira mulher presidente do Brasil.

Destarte, é evidente a importância da produção de uma biografia e filme que retrata a vida pessoal e política de um cidadão que participou ativamente da construção da história política do país. A obra que, a partir de análises profundas e imparciais por parte de historiadores, sociólogos e cientistas políticos, é de grande valor para a utilização enquanto fonte histórica.

---

<sup>27</sup> FORNAZIERI, Aldo. ‘Lulismo’, um conceito equívoco. *Estadão*. 2012. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,lulismo-um-conceito-equivoco-imp-,937560>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

### ***Considerações finais***

Considerando a relação existente entre cinema e história, tomar o primeiro como fonte documental implica uma série de considerações de ordem teórica e metodológica, cujo alcance e complexidade, via de regra, são bem maiores do que as usualmente aplicadas à análise de outros tipos de fontes. Portanto, analisar o filme “Lula, o Filho do Brasil” nos leva a percepção de uma lacuna que representa os fracassos e mudanças que se fizeram necessárias para a reestruturação da imagem política de Lula, as quais não foram evidenciadas. Esse silenciamento, provavelmente, advém das transformações ocorridas com o protagonista, as quais não condizem com a história dos “grandes homens” e, possivelmente, representariam um impasse à imagem do herói nordestino que o filme intencionava criar.

### ***Referências***

#### ***Bibliografia***

- CARVALHO, Aline Torres Sousa; REZENDE, Guilherme Jorge de. “Lula, filho do Brasil”: de retirante da seca à presidência da república – uma história, muitos sentidos. *Estudos semióticos: revista do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*, São Paulo, n. 2, p. 40-48, nov. 2012.
- CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FERRO, Marc. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUARATO, Rafael. Por uma compreensão do conceito de representação. *História e-história*, São Paulo, jun. 2010. Disponível em:

<<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=127>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

*História e-história*. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, jan. 1992.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. *História: questões & debates*, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003.

NOVA, Cristiane. Perfil: Marc Ferro. O cinema e o conhecimento da História. *O olho da História*, Bahia, n. 4, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

### *Fontes*

BUCCI, Eugênio. O encanto partido de Lula. *Revista Época*, São Paulo, out. 2015.

DENISE PARANÁ – BIOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.epipoca.com.br/gente/biografia/498646/denise-parana>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

Entrevista de Fábio Barreto, diretor do filme: Lula, o Filho do Brasil, de 2010. *Jornal JC-Agrete*. Lula, o filho do Brasil. Disponível em: <[http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1126&Itemid=521](http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1126&Itemid=521)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

FORNAZIERI, Aldo. ‘Lulismo’, um conceito equívoco. *Estadão*. 2012. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,lulismo-um-conceito-equivoco-imp-,937560>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

LULA, o Filho do Brasil. Direção: Fábio Barreto. Produção: Paula Barreto e Rômulo Marinho. Intérpretes: Glória Pires; Milhem Cortaz; Rui Ricardo Diaz e outros. Roteiro: Daniel Tandler, Denise Paraná e Fernando Bonassi. LC Barreto; Filmes do Equador; Intervídeo Digital; Globo Filmes. 2010. 1 bobina cinematográfica (130 min), son., color 35 mm.

LULA, o filho do Brasil. In: *Academia Brasileira de Cinema*. Disponível em: <[http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1126&Itemid=521](http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1126&Itemid=521)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

**Recebido em 12 de fevereiro de 2016; aprovado em 23 de maio de 2016.**